



# STVDIA LUSITANA

---

5

## ***Castelo da Lousa—Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002***

**Jorge de Alarcão, Pedro C. Carvalho, Ana Gonçalves (Coord.)**







***Castelo da Lousa – Intervenções  
Arqueológicas de 1997 a 2002***

Jorge de Alarcão, Pedro C. Carvalho,  
Ana Gonçalves

## **Studia Lusitana**

1. M. P. REIS

*Las termas y balnea romanos de Lusitania.*  
Mérida, 2004

2. L. J. RODRIGUES GONÇALVES

*Escultura romana em Portugal: Uma arte do quotidiano.*  
Mérida, 2007

3. F. TEICHNER

*Entre tierra y mar / Zwischen Land und Meer*  
Mérida, 2008

4. T. NOGALES BASARRATE (ED.)

*Ciudad y Foro en Lusitania Romana/Cidade e Foro na Lusitânia Romana.*  
Mérida, 2009

5. J. DE ALARCÃO; P.C. CARVALHO; A. GONÇALVES (COORD.)

*Castelo da Lousa. Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002.*  
Mérida, 2010

6. V. GIL MANTAS

*Vías romanas de Lusitania* (en preparación)

7. A. DE MAN

*Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia* (en preparación)

### **Ficha técnica**

*Coordinación:* María José Pérez del Castillo y Eugenia López González

*Diseño:* Ceferino López

### **El texto y las opiniones de este volumen son responsabilidad de los autores.**

Esta publicación se intercambia por otras similares de todos los países con el fin de potenciar la Biblioteca del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.

### **Para intercambios y suscripciones:**

Museo Nacional de Arte Romano  
C/ José Ramón Mérida, s/n  
06800 Mérida (Badajoz) España  
mnar@mcu.es

### **Pedido de libros:**

Asociación Amigos del Museo:  
C/ José Ramón Mérida, s/n  
06800 Mérida (Badajoz) España  
tienda@amigosmuseoromano.org  
y a través de: <http://museoarteromano.mcu.es/>

### **Adquisiciones:**

Pórtico Librerías, S.A.  
Muñoz Seca, 6  
50005 Zaragoza - España  
[www.porticolibrerias.es](http://www.porticolibrerias.es)

**ISBN:** 978-84-613-6385-8

**Depósito legal:** BA-297-2010

**Maquetación e Impresión:** Artes Gráficas Rejas (Mérida)



JUNTA DE EXTREMADURA  
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,  
Comercio e Innovación  
Dirección General de Universidad y Tecnología



Proyecto PRI06B286

*Foros Romanos de Extremadura. Análisis y Difusión del Patrimonio Extremeño.*  
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura

Proyecto PRI09A140

*Arte Romano en Extremadura I. Creación de modelos en el occidente hispano.*  
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto HAR2009-08727

*Programas decorativos en Lusitania romana: origen y evolución.*  
Ministerio de Ciencia e Innovación.

DIRECCIÓN CIENTÍFICA:

PROF. DR. JORGE ALARCÃO  
Catedrático de Arqueología  
Universidad de Coimbra

PROF. DRA. TRINIDAD NOGALES BASARRATE  
Departamento de Investigación  
Museo Nacional de Arte Romano

COMITÉ CIENTÍFICO:

PROF. DR. JOSÉ M<sup>a</sup> ÁLVAREZ MARTÍNEZ  
Director del Museo Nacional de Arte Romano

DR. JOSÉ LUIS DE LA BARRERA  
Conservador del Museo Nacional de Arte Romano

PROF. DR. ENRIQUE CERRILLO  
Departamento de Arqueología  
Universidad de Extremadura

PROF. DR. JONATHAN EDMONDSON  
Departamento de Historia  
Universidad de York (Canadá)

PROF. DR. JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
Director del Instituto de Arqueología  
Universidad de Coimbra

PROF. DR. CARLOS FABIÃO  
Departamento de Arqueología  
Universidad de Lisboa

PROF. DR. JEAN-GÉRARD GORGES  
C.N.R.S. Universidad de Toulouse II  
Ex director-adjunto de la Casa de Velázquez

DR. VIRGILIO HIPÓLITO CORREIA  
Director del Museo Monográfico de Conimbriga

PROF. DR. PATRICK LE ROUX  
Departamento de Historia  
Universidad de Paris XIII

D. MIGUEL ALBA CALZADO  
Director Científico del Consorcio de  
la Ciudad Monumental Histórico-  
Artística y Arqueológica de Mérida

PROF. DR. MANUEL SALINAS DE FRÍAS  
Departamento de Historia Antigua  
Universidad de Salamanca

PROF. DR. THOMAS SCHATTNER  
Subdirector del Instituto Arqueológico  
Aleman de Madrid

PROF. DR. WALTER TRILLMICH  
Antiguo Director del Instituto  
Arqueológico Aleman de Berlín

**Ficha técnica:**

*Coordenadores:* Jorge de Alarcão, Pedro C. Carvalho y Ana Gonçalves.

**Textos:**

Jorge de Alarcão; Diego E. Angelucci; Pedro C. Carvalho; José d' Encarnação; Ana Gonçalves; Priscilla Lange; Luís Luís; Paulo Marques; Rui Morais; Inês Vaz Pinto; José Ruivo; Ana Luísa Santos; Anne Schmitt y Paula Tavares.

**Colaboradores:**

Ricardo Costeira da Silva y Sara Almeida.

**Documentación Gráfica:**

Fátima Dias Pereira, Maria das Dores Pires y Elisa Puch Ramirez.

**Fotografía:**

Manuel Pica y Sara Almeida (Fotos nº 1 a 77, 98 e 100), EDIA S. A. (Fotos 78 a 82), José Ruivo (Foto 83), Paulo Marques (Fotos 84 a 86), Diego E. Angelucci (Fotos 87 a 97), Ana Luísa Santos y Paula Tavares (Fotos 99, 101 a 106), Inês Vaz Pinto e Anne Schmitt (Fig. I a X – Anexo II / CD-ROM)

**Conservación y Restauración:**

Catarina Alarcão, Maria Clara Lobo y Maria da Conceição Silva.

**Diseño gráfico y paginación:**

Fátima Dias Pereira y Ana Gonçalves.

## Índice

- 11 Prefácio  
HENRIQUE TRONCHO
- 13 Apresentação  
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 15 Localização  
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 19 Enquadramento, objectivos e metodologia  
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 27 História das escavações e da interpretação do monumento  
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 37 A Arquitectura do Castelo da Lousa  
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 65 Estratigrafia, estruturas e materiais  
J. ALARCÃO, P. C. CARVALHO, A. GONÇALVES
- 111 Cerâmica Campaniense  
LUÍS LUÍS
- 139 Terra Sigillata de tipo itálico  
PEDRO C. CARVALHO e RUI MORAIS
- 153 Cerâmica de paredes finas  
RUI MORAIS
- 173 Lucernas  
RUI MORAIS
- 181 Ânforas  
RUI MORAIS
- 219 Cerâmica Comum  
INÊS VAZ PINTO e ANNE SCHMITT



- 445 Grafitos  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
- 477 Vidros  
PEDRO C. CARVALHO
- 481 Espólio Metálico  
JOSÉ RUIVO
- 519 Materiais Líticos  
PAULO MARQUES
- 523 Geoarqueologia  
DIEGO E. ANGELUCCI
- 549 Arqueozoologia  
PRISCILLA LANGE
- 589 Escavação e Estudo Antropológico dos Indivíduos Exumados  
A. L. SANTOS, P. TAVARES e A. GONÇALVES
- 601 Bibliografia Geral
- 625 Resumos

ANEXOS (CD – ROM)

Anexo I: Desenhos 1 a 32

Anexo II: Figuras I a X (referentes ao Capítulo 7.6)

Anexo III: Tabelas de listagem de Complexos e Unidades Estratigráficas

# Capítulo 10 – Escavação e Estudo Antropológico dos Indivíduos Exumados

A. L. Santos, P. Tavares e A. Gonçalves

## ESCAVAÇÃO E ESTUDO ANTROPOLÓGICO DOS INDIVÍDUOS EXUMADOS

### 1) INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

No decurso da intervenção arqueológica no Castelo da Lousa, a ARKHAIOS contactou o Departamento de Antropologia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, solicitando a colaboração de investigadores caso surgissem restos osteológicos humanos, dando assim cumprimento ao disposto no Decreto-Lei nº270/99 (DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1999). Convém, no entanto, salientar que esta Empresa, desde a sua fundação, reconhece a importância de um diálogo interdisciplinar e, conseqüentemente, pratica um estreito intercâmbio com a antropologia, entre outras disciplinas.

Idealmente, o estudo dos restos humanos deveria começar durante a escavação pois o tecido ósseo, frequentemente, esvaece, sucumbindo à desigualdade entre os factores que favorecem a conservação e os que apagam os seus vestígios. Por vezes, o registo efectuado no campo torna-se fonte de informações irrecuperáveis em laboratório. O esgrimir de forças continua após a descoberta e, em particular, aquando da remoção do solo que os abrigou durante décadas, séculos ou milénios (SANTOS, 1999/2000).

Do balanço tafonómico e da qualidade do registo efectuado em campo depende sobremaneira a etapa seguinte, o estudo laboratorial. Nele se faz a reconstituição do perfil demográfico e paleopatológico das populações sem o qual a interpretação dos remanescentes das suas construções e dos bens materiais sobreviventes ficaria incompleto. Como LARSEN (2000: 4) refere “os ossos e os dentes transportam os sinais físicos da dieta, da doença, do stresse e do estilo de vida do indivíduo – o esqueleto é a “voz” do passado”.

### 2) OBJECTIVOS

O presente trabalho pretende descrever a metodologia de campo subjacente às exumações efectuadas no Castelo da Lousa, bem como reportar os resultados do estudo laboratorial desses indivíduos.

---

<sup>1</sup> Gostaríamos de agradecer a Carina Marques, Cláudia Umbelino, Teresa Ferreira e Vítor Matos e a toda a equipa da Arkhaios pela preciosa colaboração. A Dominique Le Bars e a Mary Lucas Powell pelos materiais fornecidos respectivamente sobre Mértola e Torre de Palma. E aos coordenadores desta obra pelo convite e revisão do texto.

### 3) OS INDIVÍDUOS E AS METODOLOGIAS

Na área intervencionada entre 1997 e 2002 foram resgatados seis indivíduos da Plataforma Nordeste (Sondagens 14, 42 e 55, Desenho 14 – Anexo I) e do Edifício Central, na Plataforma Superior, um osso de feto/recém-nascido (Sondagem 1).

#### *Escavação antropológica*

A intervenção antropológica decorreu em articulação com os trabalhos de arqueologia. Quando detectado um vestígio ósseo, procedeu-se à delimitação e à limpeza, lenta e cuidadosa, de modo a minimizar a sua frágil condição e a mantê-lo *in situ* até à total exposição da peça e/ou do esqueleto. Concluída esta fase preencheu-se a “Ficha antropológica: a utilizar na escavação” (SANTOS *et al.*, 1991/92), na qual foram anotados, entre outros elementos, as observações extraíveis dos ossos. Por seu turno, a ARKHAIOS efectuou o registo fotográfico, o desenho individual (à escala 1:10) e do conjunto das inumações (Desenhos nº 13 e 14 – Anexo I) espraído por 32 m<sup>2</sup>. Os restantes detalhes respeitantes à estratégia de escavação estão traçados no Capítulo 3.

Terminado o assentamento, realizou-se a exumação e o acondicionamento dos achados, em sacos de plástico perfurados, incluindo a colocação de fichas identificadoras das respectivas coordenadas, dos números de sondagem, do enterramento e do complexo de recolha. A marcação de cada um dos sacos resguardou ainda a identidade das peças ósseas já que a elevada debilidade dificultaria, ou impediria, o seu posterior reconhecimento.

Apesar da escavação antropológica ter tido vários intervenientes - para o Enterramento 1, em Dezembro de 1999, deslocaram-se ao local Carina Marques e Vítor Matos, colaboradores do Departamento de Antropologia, em Julho de 2001, uma das autoras [A. L. S.] escavou o Enterramento 2, e os restantes quatro foram exumados, no mês seguinte, por Cláudia Umbelino e Teresa Ferreira, respectivamente docente e colaboradora da instituição - a metodologia aplicada foi a mesma e os materiais produzidos no campo foram gentilmente cedidos às autoras.

O sétimo indivíduo identificado neste sítio arqueológico manifestou-se por um único osso, encontrado misturado com a fauna recolhida na escavação, tendo sido registado por Priscilla Lange no decurso do estudo arqueozoológico efectuado para esta publicação (Cap. 9).

Os restos osteológicos foram transportados para o Departamento de Antropologia onde decorreu o estudo laboratorial objecto do presente texto.

#### *Estudo laboratorial*

No laboratório os materiais osteológicos e dentários começaram por ser cuidadosamente limpos com o recurso a pincéis suaves atenuando, tanto quanto possível, a sua depauperação. Sempre que o tamanho e a conservação dos fragmentos permitiram procedeu-se à marcação directa com tinta-da-china, entre camadas de verniz, ou, em alternativa, os sacos receberam a identificação.

De seguida os fragmentos foram estudados e, quando considerado oportuno, fotografados, designadamente as peças enviadas para datação.

O perfil etário dos jovens foi obtido por análise da formação e da erupção dentárias (UBELAKER, 1989) e o dos adultos pela avaliação das suturas exocranianas (MASSET, 1982; SANTOS, 1995).

A diagnose sexual em indivíduos imaturos não foi pesquisada por ser pouco fiável, impedimento acrescido no presente caso pela deterioração do material osteológico. Nos adultos efectuou-se por observação macroscópica dos caracteres sexuais do crânio e da bacia (FEREMBACH *et al.*, 1980).

A estimativa da estatura foi exequível num indivíduo adulto por aplicação das fórmulas propostas por MENDONÇA (1998), apesar de existirem potenciais fontes de erro devido ao fraco estado de preservação.

Foi possível estimar o desgaste dentário no indivíduo designado por Enterramento 2 (Sepultura B), através da escala de BRABANT e SAHLY (1962).

Por último, o espólio foi guardado em novos sacos de plástico para os quais se transcreveram as designações originais, efectuadas durante a escavação.

#### 4) RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a escavação foram identificados na Plataforma Nordeste seis indivíduos e na área do Edifício Central, na Plataforma Superior, um osso isolado, um rádio direito de não adulto, cuja localização, cor e boa conservação o distingue dos restantes e, por isso, será tratado separadamente.

Conforme se pode observar no Quadro 25, os dados obtidos acerca de cada um dos esqueletos são deficientes devido à sua débil conservação (Foto 98). Refira-se que mesmo os dentes, por norma resistentes às adversidades ocorridas *post mortem*, se encontram bastante frágeis e fracturados na transição entre o cimento e o esmalte da raiz.



Foto 98. Vista geral do Enterramento 2 onde são visíveis fragmentos dos ossos do crânio e dos membros.

Entre os factores tafonómicos que contribuíram para a degradação deste espólio encontram-se os aspectos ambientais como o tipo de solo, muito compacto, e a eventual acumulação de água por hidromorfia, na área de inumação, e as flutuações de temperatura e de humidade deste local ribeirinho. Em média, a profundidade dos enterramentos cifrava-se nos 25 cm (Quadro 25), potência de terreno que não os isolava das chuvas retidas, mais abaixo, pelo impermeável substrato rochoso, constituído por lajes de xisto, cuja proximidade, também se crê, contribuiu significativamente para a corrupção dos esqueletos. Em locais como Monte das Farias 2, igualmente xistoso, nas camadas inferiores e na delimitação das sepulturas, apenas se preservaram as cerâmicas votivas tendo os vestígios de ossos desaparecido na íntegra (GONÇALVES, 1999). Também no Rossio do Carmo em Mértola existiam sepulturas com coberturas de xisto (MORALES *et al.*, 2004) e em Louseira (Rio de Moinhos, Borba) os sepulcros medievais foram escavados neste tipo de substrato (TENTE e LOURENÇO, 2002). A fauna e a flora também terão influenciado a desagregação. Veja-se na Foto 99 a existência de uma raiz que trespassa o osso compacto. Como explica WHITE (2000), ao segregarem ácidos durante o seu metabolismo, as plantas contribuem para a descalcificação óssea.

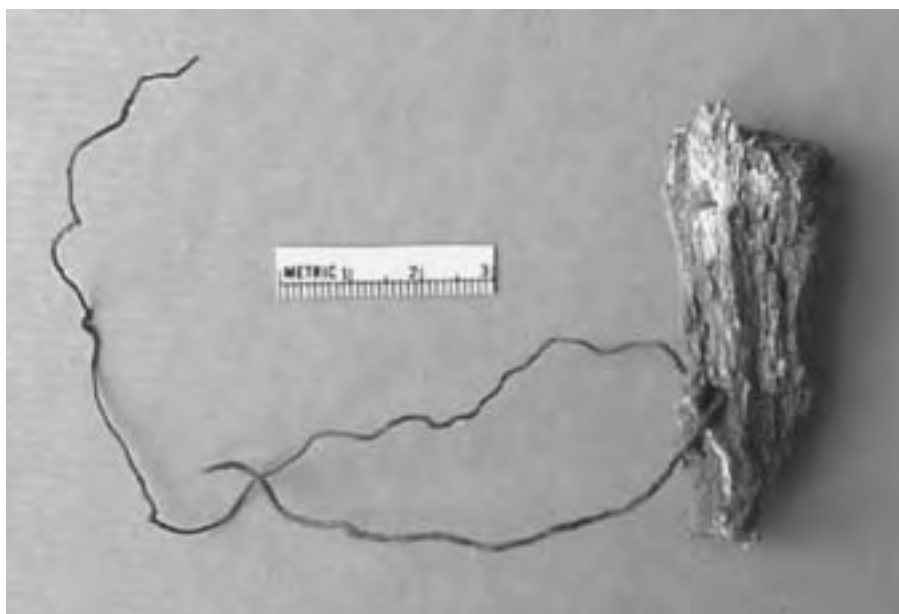


Foto 99. Fragmento de osso longo com perfuração e presença de uma raiz de planta.

Estas condições impediram a visualização das posições de inumação dos Enterramentos 3, 5 e 7, enquanto os números 1, 2 e 6 apresentavam-se em decúbito lateral direito. De notar que o Enterramento 1 (Foto 100) foi exumado do “interior de um compartimento e encostado à sua parede Norte” (GONÇALVES, 2000: 9) o que inicialmente foi interpretado como responsável pela posição de inumação. Contudo, nos restantes casos não existiam estruturas que forçassem esta prática, associada, segundo autores como TORRES e MACIAS (1996), ao culto islâmico.

Atendendo às dificuldades de interpretação deste monumento, desde os anos 1960 classificado como romano por PAÇO e LEAL (1966), às características das inumações, incomuns para esse período, e na ausência de espólio votivo que auxiliasse na determinação da cronologia, considerou-se indispensável a datação radiométrica do espólio humano. Para o efeito, em 2003, foi enviado para o laboratório *Beta Analytic*



Foto 100. Vista geral do Enterramento 1 encostado a um muro.

*Inc.* um fragmento de fémur do Enterramento 7 (Foto 101) que forneceu (Beta – 175416), pela técnica de AMS (*Accelerator Mass Spectrometry*), datas entre 1260 e 1310 cal AD (690 a 640 cal BP) e 1370 e 1380 cal AD (580 a 570 cal BP), com calibração de 2 sigma (*INTCAL 98 Radiocarbon Age calibration*). As dúvidas acumuladas até então ganharam ainda maior expressão. Na correspondência trocada, o laboratório afirma que a amostra possuía carbono suficiente para uma datação segura e que os procedimentos decorreram com normalidade (HOOD, 2003). O único aspecto referido como infrequente foi o facto dos cerca de 65 gramas de osso terem resultado em apenas 5,8 mg de colagénio, o que, segundo HATFIELD (2003), pode ter sido causado por factores como a acção do sol e/ou da água e o calor, mas que, no presente caso, não terão influenciado a qualidade do colagénio extraído e, conseqüentemente, a datação.

O intervalo temporal obtido, ao invés de ajudar a clarificar a cronologia da estrutura designada por Castelo da Lousa, trouxe mais incertezas, pelo que um fragmento de úmero direito, do Enterramento 6 (P16442), foi submetido à mesma técnica na *Oxford Radiocarbon Accelerator Unit*. Em 2005 chegou a resposta afirmando que, após o pré-tratamento, não restou material datável (OWEN, 2005). Como o espólio ósseo remanescente era diminuto, optou-se pelo envio de dois dentes, do Enterramento 2 (Foto 102), cuja análise (P17846) também foi infrutífera (BAKER, 2006) por não existir colagénio. Assim, a cronologia obtida para estes esqueletos situa-se entre os séculos XIII e o XIV, testemunhando uma ocupação pós-romana. A estratigrafia do local indica uma ocupação entre os meados do século I a. C. e os primeiros anos do século I d. C. (Cap. 6).



Foto 101. Fragmentos de fémur do Enterramento 7 enviados para datação na *Beta Analytic Inc.*



Foto 102. Dois dentes do Enterramento 2 enviados para datação na *Oxford Radiocarbon Accelerator Unit.*

Quanto à orientação das inumações (Quadro 25), quatro indivíduos estavam com a cabeça para Sudoeste e os pés para Nordeste; destes, os Enterramentos 1 e 7 eram de adultos e os 2 e 3 eram de crianças. O indivíduo 5 foi inumado com a cabeça para Norte/Noroeste e os pés para Sul/Sudeste e o esqueleto do Enterramento 6 apresentava a cabeça para Oeste e os pés para Este. Aparentemente a direcção das inumações não terá sido condicionada pelo alinhamento das camadas xistosas.

O predomínio de orientação com a cabeça para Sul/Sudoeste é mencionado por TORRES e MACIAS (1996) como praticado no rito funerário muçulmano. Nas necrópoles do Rossio do Carmo, em Mértola, esta direcção foi dada tanto a indivíduos dos séculos VIII-XIII, inumados em decúbito lateral direito, como aos mais tardios, séculos XIV-XVI, que se apresentavam em decúbito dorsal (MORALES *et al.*, 2004). De facto, LE BARS (2005) utiliza como elementos identificadores de práticas funerárias muçulmanas a orientação

Sul/Sudoeste – Norte/Nordeste e o decúbito lateral direito. Porém, também existem inumações em decúbito dorsal com essa orientação: são exemplos as necrópoles de Cerro da Vila, datada do século I ao XI (OLIVEIRA, 1988; SANTOS *et al.*, 1992), de Poço dos Mouros (Visigótica - séc. VII, no concelho de Silves), publicada por GOMES (2002), e Castelo de Viana do Alentejo, balizada entre os séculos XV e XVI (TAVARES *et al.*, 2003). Orientações análogas às dos Enterramentos 5 e 6 verificaram-se na Ermida de S. Sebastião no Rosio do Carmo, em Mértola (LOPES e BOIÇA, 1993; MORALES, 1999; MORALES *et al.*, 2004).

O Quadro 25 sistematiza, igualmente, os dados demográficos dos sujeitos recuperados junto ao Castelo da Lousa. Entre eles a diagnose sexual e a estimativa da idade à morte ajudam a compreender e a interpretar o *status* de saúde da população à qual pertenceu o indivíduo (ROBERTS e MANCHESTER, 2005). Devido ao fraco estado de preservação dos restos osteológicos, em particular dos indivíduos adultos, foi impossível averiguar, com fiabilidade, a idade à morte e a diagnose sexual. Contudo, este estudo permitiu a determinação da idade de duas crianças (Enterramentos 2 e 3) e de dois adultos (Enterramentos 1 e 7). Há ainda a registar a possível existência de um outro adulto no Enterramento 6. A gracilidade dos fragmentos dos ossos dos membros do Enterramento 7 apontam para o sexo feminino.

Os jovens foram identificados por aplicação do esquema da sequência de formação e de erupção dentárias proposto por UBELAKER (1989). A carência, por destruição *post mortem*, das raízes em 94,4% (17/18) dos dentes do Enterramento 2 impediu o sucesso desta avaliação. No entanto, a existência do segundo molar decidual, o desgaste de grau 0 (pela escala de BRABANT e SAHLY, 1962) nos pré-molares e molares e o primeiro molar direito com as raízes formadas (Foto 103) indicam uma idade de 10 anos  $\pm$  30 meses. O facto do fragmento da diáfise do fémur direito possuir um diâmetro de cerca de 15 mm, tamanho pequeno para um osso de adulto, não contradiz a estimativa etária obtida anteriormente.

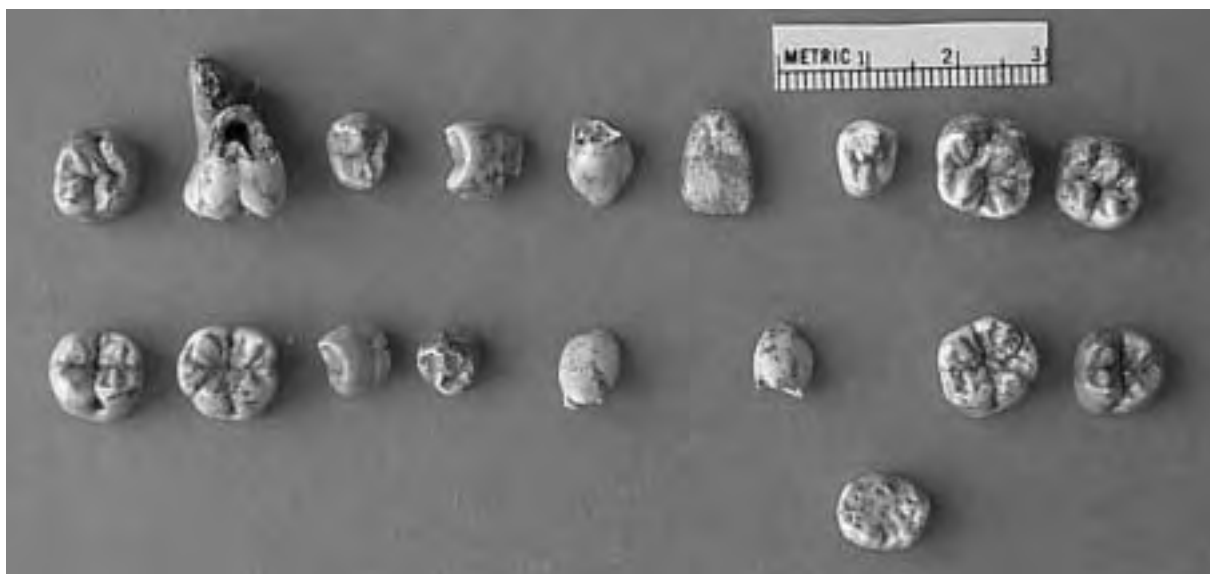


Foto 103. Dentes recuperados do indivíduo com cerca de 10 anos  $\pm$  30 meses designado por Enterramento 2.

A “*Ficha antropológica*” do Enterramento 3, preenchida durante a exumação, indica que este indivíduo seria uma criança e que o sexo não pôde ser determinado. Em laboratório identificaram-se 25 coroas dentárias<sup>2</sup> (Foto 104) cujo desenvolvimento aponta para um jovem com idade entre os 6 anos  $\pm$  24 meses e os 11 anos  $\pm$  30 meses.

<sup>2</sup> A informação detalhada sobre os dentes existentes para este indivíduo bem como outros dados de pormenor estão especificados nos respectivos relatórios (SANTOS, 2000; SANTOS e TAVARES, 2003).





Foto 104. Dentes recuperados da criança denominada Enterramento 3.

Quadro 25. Compilação dos dados de campo e de laboratório relativos aos sete indivíduos recuperados.						
Enterramento	Coordenadas	Complexo	Orientação	Posição de inumação	Idade à morte	Sexo
1 (sond. 14)	X=160.30 a 161.80 Y=325.73 a 326.40 Cota = 113.02	298	SO/NE	Decúbito lateral direito	Adulto	Indeterminado
2 (sond. 42)	X=164.10 a 165.00 Y=326.56 a 326.90 Cota = 112.98	703	SO/NE	Decúbito lateral direito	10 anos ± 30 meses	Indeterminado
3 (sond. 42)	X=166.49 a 166.78 Y=326.96 a 326.16 Cota = 112.83	857	SO/NE	Não observável	8 anos ± 24 meses a 11 anos ± 30 meses	Indeterminado
5 <sup>1</sup> (sond. 42)	X=163.75 a 164.02 Y=325.08 a 325.49 Cota = 113.00	858	NO/SE (N/S)	Não observável	Não observável	Não observável
6 (sond. 42)	X=165.90 a 166.87 Y=327.26 a 327.50 Cota = 112.63	859	O/E	Decúbito lateral direito	Adulto	Indeterminado
7 (sond. 42/55)	X=166.75 a 167.90 Y=324.30 a 324 Cota = 113.00	860	SO/NE	Não observável	>21 anos	Feminino (?)
Feto/recém-nascido (sond. 1)	X=100,70 a 102,50 Y=301,80 a 305,70	2	Não observável	Não observável		

<sup>1</sup> Por lapso, a numeração não foi contínua e passou-se do enterramento 3 para o 5

Nos adultos, o Enterramento 1 apresenta vários dentes maxilares e mandibulares cujas raízes dos primeiros e segundos molares sugerem, segundo UBELAKER (1989), uma idade superior a 15 anos  $\pm$  36 meses. Quanto aos terceiros molares, indicativos da idade adulta, não estavam presentes, o que se pode dever à juventude do indivíduo ou à agenesia dentária. A observação dos segmentos das suturas cranianas, bem como do seu grau de sinostose, apenas permitiu afirmar, uma vez que não se encontram obliterados, que este indivíduo não deve ter morrido com uma idade avançada. Todavia, é impossível estimar se terá morrido jovem adulto ou em plena maturidade.

A diagnose sexual revelou-se inviável devido à ausência dos ossos da bacia, crânio e de outras partes do esqueleto com dimorfismo relevante. A título demonstrativo diga-se que o maior fragmento recolhido do Enterramento 5 tem cerca de 3 cm. Para além disso, nos indivíduos jovens, mesmo quando os esqueletos estão completos, é extremamente falível aferir este parâmetro demográfico.

Quanto ao osso que marca a presença de um indivíduo no interior do Edifício Central, na Plataforma Superior, foi recolhido juntamente com ossos de animais (Cap. 9) na Sondagem 1 (complexo 2). Esta área tinha sido completamente escavada por Afonso do Paço nos anos 60 e encontrava-se abaixo do nível original de circulação em época romana, pelo que o complexo 2 se inseria na camada de superfície, interpretado como um depósito das escavações anteriores de Afonso do Paço ou resultante de acumulações de terras das limpezas anuais efectuadas pelas entidades que zelavam pela manutenção do local. Trata-se, assim, de um osso sem contexto arqueológico, sendo uma diáfise de rádio direito, com 51 mm de comprimento (Foto 105). Segundo a tabela adaptada de FAZEKAS e KÓSA (1978 *in* SCHEUER e BLACK, 2000), este osso longo pertenceu a um indivíduo de 38 a 40 semanas fetais. A equação de regressão linear adaptada de SCHEUER *et al.* (1980 *in* SCHEUER e BLACK, 2000) que determina a idade através do comprimento máximo do rádio, indica  $37,545 \pm 2,29$  semanas fetais. Os dois métodos referidos sugerem uma idade similar para este indivíduo, ou seja um feto de termo ou um recém-nascido.



Foto 105. Rádio direito de um feto/recém-nascido proveniente da Sondagem 1.

No estudo paleodemográfico, para além da estimativa da idade e do sexo dos indivíduos, incluiu-se igualmente a estatura, pois como referem ROBERTS e MANCHESTER (2005), existe uma forte correlação entre a altura do indivíduo, o *status* nutricional, a susceptibilidade às doenças que podem ser provocadas por uma nutrição pobre, por sistemas imunitários deprimidos e por fraca absorção dos nutrientes.

A determinação da estatura é efectuada em indivíduos adultos por fórmulas que implicam a total fusão entre as epífises e as diáfises dos ossos longos. Apesar de no presente trabalho o cálculo se encontrar rodeado de potenciais fontes de erro, optou-se pela sua estimativa no único caso viável, o adulto do Enterramento 1. O comprimento do fémur direito (420 mm) foi estimado no campo e aplicaram-se as fórmulas propostas por MENDONÇA (1998). Os valores obtidos, 158,5 cm (erro padrão = 6,96) e 156,9 cm (erro padrão

= 5,96), dependem da pertença a um indivíduo do sexo masculino ou feminino. O comprimento máximo do esqueleto, medido *in situ*, rondava os 150 cm, obtidos desde o crânio até ao “negativo” deixado no solo pela extremidade distal do perónio.

As estaturas estimadas são comparáveis às obtidas noutros estudos antropológicos de amostras do Sul de Portugal com cronologias que vão da época tardo-romana ao século XVI (Quadro 26). Apesar destes estudos terem utilizado diferentes fórmulas para avaliar a estatura, o que provoca pequenas divergências no valor médio, é visível uma concordância entre os dados alcançados.

<b>Quadro 26. Comparação entre a média das estaturas obtidas para indivíduos adultos de ambos os sexos provenientes de diferentes sítios arqueológicos do Sul de Portugal.</b>				
Cronologia	Proveniência / Distrito	Média da estatura (em cm)		Autores
		Masculino	Feminino	
Tardo-romana	Lagos / Faro	-	152,5 (N=1)	DUQUE <i>et al.</i> (2006)
Século VI	Silveirona / Évora	164,72 (N=13)	153,49 (N=7)	LOPES (1997)
Séculos VI - VIII	Alpendre dos Lagares-Serpa / Beja	164,5 (N=4)	156 (N=1)	CUNHA (2001)
Séculos I - XI	Cêrro da Vila / Faro	-	153 (N=2)	SANTOS <i>et al.</i> (1992)
Séculos VII - VIII	Assento de Chico Roupa – Serpa /Beja	156 (N=1)	154 (N=2)	SOARES <i>et al.</i> (1997)
-----	Torre de Palma	159,47 a 178,74 (N=18)	149,94 a 167,47 (N=20)	POWELL (2007)
Século XII	Quinta da Boavista – Loulé / Faro	165 (N=9)	149 (N=7)	CUNHA <i>et al.</i> (2002)
Séculos XIII-XIV	Castelo da Lousa Enterramento 1	158,5 cm ou 156,9cm, dependendo se for considerado masculino ou feminino		Presente estudo
Séculos XV – XVI	Castelo de Viana do Alentejo / Évora	164,69 (N=3)	-	TAVARES <i>et al.</i> (2003)

O fraco estado de conservação dos restos osteológicos do Enterramento 1, tal como nos restantes, impediu uma avaliação no âmbito patológico. De salientar unicamente o desgaste dentário mais acentuado na dentição posterior, o que pode estar relacionado com a idade adulta, com o número total de dentes presentes na abóbada palatina (impossível de determinar no presente caso), que influencia a mecânica da mastigação, ou até com práticas culturais.

O indivíduo do Enterramento 2 apresenta dentes com desaparecimento das raízes devido à acção de factores tafonómicos. De salientar que dos oito molares presentes, cinco (o segundo molar superior direito e os primeiros e segundos molares inferiores) possuem na face bucal *foramen coecum molare* (Foto 106). Segundo CAPASSO e DI TOTA (1992), esta anomalia resulta da agenesia local e circunscrita do esmalte. A inexistência de desgaste no segundo molar decidual, nos pré-molares e molares definitivos indica, segundo a escala de BRABANT e SAHLY (1962), uma idade próxima da erupção o que na realidade corresponde aos 10 anos  $\pm$  30 meses determinados.

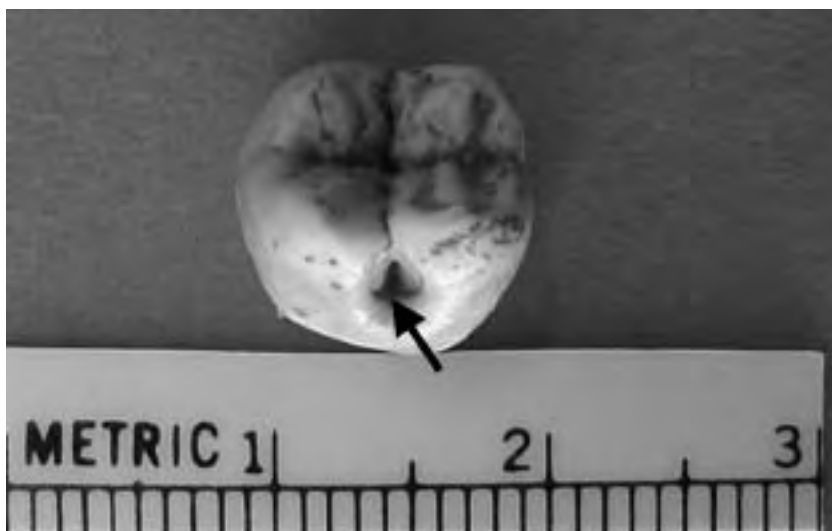


Foto 106. Segundo molar inferior direito do Enterramento 2 com um foramen coecum molare na face bucal.

## 5) Comentários finais

Na escavação que antecedeu a submersão do monumento Castelo da Lousa foram exumados da plataforma Nordeste seis indivíduos e do Edifício Central foi resgatado um rádio direito de um feto de termo/recém-nascido. Nas intervenções anteriores de PAÇO e LEAL (1966), decorridas entre 1962 e 1967, não foi identificado espólio osteológico humano.

A cronologia obtida, por datação directa, situa os enterramentos entre os séculos XIII e XIV correspondendo assim a uma ocupação medieval o que não é confirmado pelo restante espólio recolhido. Não obstante, é possível uma ocupação posterior do sítio, eventualmente medieval, associada à segunda fase construtiva dos muros da Plataforma Nordeste onde se situa a necrópole (Cap. 6).

O péssimo estado de conservação dos indivíduos impossibilitou a confirmação da datação radiométrica e limitou consideravelmente a análise paleodemográfica e o registo de eventuais patologias. De qualquer modo, os dados de campo permitiram aquilatar as práticas funerárias, com quatro dos seis indivíduos orientados com a cabeça para Sudoeste. Não foi possível avaliar a posição de inumação de três esqueletos; os restantes (Enterramentos 1, 2 e 6) apresentavam-se em decúbito lateral direito, postura associada a ritos islâmicos.

Quanto aos parâmetros demográficos, a idade à morte foi determinada no feto/recém-nascido (Sonagem 1), em duas crianças (Enterramentos 2 e 3) e em três adultos (Enterramentos 1, 6 e 7). Devido à fraca robustez dos fragmentos apendiculares, o indivíduo 7 aparenta características atribuíveis ao sexo feminino.

A estimativa da estatura foi possível apenas para o esqueleto do Enterramento 1 encontrando-se o valor dentro das médias obtidas para balizas cronológicas idênticas às deste monumento.

A escassa dentição preservada, para além da avaliação da idade à morte, mostra desgaste em dois indivíduos, um adulto e uma criança, respectivamente os Enterramentos 1 e 2, e o jovem evidencia anomalia da deposição do esmalte dos dentes definitivos.

Atendendo à importância do monumento (Cap. 4 e 5), às suas diversas interpretações, e à amplitude de ocupação (Cap. 6) seria de esperar um efectivo humano mais considerável. Porém, as condições tafonómicas podem ter sido responsáveis pelo desaparecimento de alguns indivíduos e o facto da Zona Sul não ter sido intervencionada deixa uma porta entreaberta para a existência de uma necrópole maior e de utilização dilatada. Os seis indivíduos podem representar os habitantes da última ocupação do local ou serem inuações esporádicas enquanto o osso de feto/recém-nascido remido do Edifício Central será, muito provavelmente, fruto de presença ocasional mais recente.

Concluídas as intervenções e estudado o espólio, o Castelo da Lousa permanece envolto em mistério. Os seus ocupantes romanizados parecem querer o anonimato e, inesperadamente, surgem habitantes, a crer na datação radiométrica, despojados de bens materiais mas relevantes como fonte de informação para eventual presença de contexto tardio ou medieval. Por fim, as águas do Alqueva selaram o enigma.





# STVDIA LVSITANA

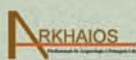


GOBIERNO  
DE ESPAÑA

MINISTERIO  
DE CULTURA



EDA



**JUNTA DE EXTREMADURA**  
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,  
Comercio e Innovación  
Dirección General de Universidad y Tecnología



GOBIERNO  
DE ESPAÑA

MINISTERIO  
DE ECONOMÍA  
Y COMPETITIVIDAD